



Imediatamente antes do período tradicional de férias, no dia 29 de Julho, participei na última sessão do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida sobre um tema muito controverso: a Procriação Medicamente Assistida (PMA). Há já no nosso país milhares de casais que recorrem à PMA. Por isso, o Ministério da Saúde elaborou um projecto de lei para tentar estabelecer as normas necessárias à prática desta "nova" tecnologia. E embora em 1993 o Conselho tenha, por sua iniciativa, elaborado um parecer sobre a PMA, o Ministério que não seguiu algumas das recomendações mais importantes então feitas pelo Conselho, pediu agora o parecer do Conselho sobre o projecto em fase final. O parecer elaborado por um dos mais sérios e profundos membros do Conselho teve o voto positivo de quase todos os membros, embora um deles tenha feito uma magnífica declaração de voto que, na prática, contradiz a aceitação do parecer. Ninguém votou contra e dois membros abstiveram-se - um deles fui eu. Como se trata de um dos problemas-fronteira do nosso tempo, extraí da minha declaração de voto a questão de fundo que me põe a PMA e resolvi partilhá-la convosco.

Todos desejamos de algum modo prolongar a nossa existência em algo ou alguém que nos ligue à história que não viveremos. Ter filhos é parte desse "destino de imortalidade" inscrito na vida humana. A fecundidade da existência aparece assim como equivalente à fertilidade. Ora a fecundidade tem uma larga gama de possibilidades, é "a vida multiplicada e brilhante" de que fala Sophia. Enquadrar a fertilidade na fecundidade é um dos aspectos mais importantes da formação da sexualidade.

### Fundação Cuidar o Futuro

Fala-se da necessidade de ter filhos, do desejo de ter filhos (penso que a expressão do "direito" a ter filhos já mostrou a sua vacuidade). Entre as duas fórmulas citadas acima há já uma enorme diferença. A necessidade fala de uma incompletude da pessoa, de uma não-maturação da sua realidade individual e finita. É a dificuldade de experimentar o valor da pessoa na sua existência única. Essa necessidade chega a ser numa grande parte do mundo de natureza económica - os filhos como segurança de mão-de-obra suplementar em sociedades rurais, os filhos como segurança na velhice. E o desejo de ter filhos? Onde vem esse desejo? Da resposta a mitos ancestrais presentes em todas as culturas? Da omnipresença na vida da mulher da relação dual, da fusão com outro ser que a gestação permite? Da tentação demiúrgica tão estruturadora do homem enquanto ser que pode criar *ex nihilo*? Da incapacidade de cada pessoa humana viver unicamente consigo mesma e com a alteridade radical e paritária do outro?

Reconheço o profundo sofrimento a que a infertilidade pode conduzir. A infertilidade gera uma ferida narcíssica que pode atingir um grau insustentável de angústia. É o eu enquanto elo da cadeia humana que fica em causa. Mas uma ferida desse tipo tem de ser tratada pelos meios próprios - que têm que ver com a renúncia,

com a assunção da própria vida, com a sublimação (no sentido freudiano) do desejo. O processo do luto do desejo de ter filhos é possivelmente um processo para a vida inteira já que o imaginário se nutre da cultura ambiente e esta veicula o quase imperativo da procriação. É um universo mítico aquele em que se forma o desejo de ter filhos. Todas as tradições religiosas - e em especial as do Livro - têm como axiológica a bênção que os filhos representam para o justo. E a saga da mulher estéril atravessa de forma constante e paradoxal essas tradições.

É este tipo de considerações que me leva a afirmar que a esterilidade não é de forma liminar uma doença, mas sim um sintoma de um estado pessoal (em alguns casos sem dúvida de natureza física), frequentemente de relação à sexualidade, ao outro, até ao que inconscientemente se desenha como a assustadora responsabilidade de ter filhos. Por isso, tenho dificuldade em ver, de modo simplista, a PMA como uma cura para essa situação; é apenas a resolução de um sintoma, o facto de não se ter um filho e de se sofrer por isso. Importa lembrar que um filho não transforma automaticamente o pai e a mãe em seres abertos, dados, fecundos - a vida de todos os dias aí está para no-lo mostrar.

E a criança que vai nascer da PMA quem é? Para se estruturar precisa de descobrir a cena primitiva que lhe diz respeito. Ora na PMA que cena é essa? Como vai a criança transportar consigo ao longo da vida o saber-se nascida de actos parcelares e cujo realismo irá gradualmente conhecendo? Poderão esses fragmentos reconstituir uma cena primitiva?

É na zona mais íntima da identidade de cada um, no cerne da sua estrutura sexual, que vai afinal tocar a questão da PMA.

Fundação Cuidar o Futuro

Não posso compreender que se aceitem hoje tão facilmente todas as ciências e técnicas e se passe sob silêncio as que dizem respeito às grandes descobertas sobre a estrutura psíquica da pessoa humana. Seria o mesmo que querer continuar a explorar o mundo da Física pondo entre parêntesis a Mecânica Quântica! Parece preferir-se a medicalização de todos os actos humanos à aceitação do conhecimento de nós mesmos. Porquê? Talvez porque a ciência e a técnica alimentam o mito ascensional do progresso enquanto a ciência psicanalítica remete inevitavelmente para os limites próprios enquanto indivíduo e enquanto parte da condição humana.

Hoje, depois de Einstein e de Oppenheimer, não é verdade que a ciência se pode sempre superar a si mesma. Há fronteiras para além das quais já não é lógico procurar outros mundos porque neles reside a destruição deste mesmo mundo. Estamos afinal do âmago da mudança de paradigma que se esboça para o próximo milénio mas que repugna às nossas ilusões aceitar. E não porque a razão não possa chegar mais longe. É que há valores que estão acima da razão. Saímos do "tempo das luzes" não para menosprezarmos a razão mas para descobrirmos que ela comunga de uma realidade de ordem simbólica, mais vasta e mais profunda.

